

A (DES)CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE EM *ÕO XARÁ*, DE JHUMPA LAHIRI

Célio Saraiva (UNIABEU)

RESUMO:

Este artigo visa a analisar o choque entre culturas antípodas, sofrido pelo protagonista do romance **O Xará**, de Jhumpa Lahiri, bem como a questão da identidade cultural e do sentimento do imigrante da segunda geração, que está na fronteira entre duas culturas, experimentando sentimentos ambíguos em relação à sua herança cultural. Para tanto usar-se-á o aparato inerentes aos Estudos Culturais, como Transculturação; Identidade; Imigração; Pós-modernidade.

Palavras-chave: Transculturação; Identidade; Imigração; Pós-modernidade.

INTRODUÇÃO

Vencedora de prêmios literários, Jhumpa Lahiri, que é considerada uma escritora cosmopolita, tem chamado atenção de leitores e de críticos literários com a sua obra, que compreende dois livros de contos **Interpreter of Maladies (Intérprete de males)**, que venceu o prêmio Pulitzer em 2000, e **Unaccustomed Earth (Terra descansada)** e um romance, **The Namesake (O Xará)**.

Em sua obra, Lahiri procura representar os sentimentos de imigrantes de culturas antípodas. Desconforto, adaptação, redenção, negação são os sentimentos mais comuns dos imigrantes em geral. Sua escrita transborda de sentimentos pessoais em relação à cultura, já que ela também é uma escritora migrante e conhece bem estes sentimentos que tomam conta do sujeito que está òforaõ de seu território.

Lahiri, entre outros escritores migrantes, faz parte do que Rothstein (2000) chama de geração òpós-Rushdie de literatura indianaõ, em virtude do modo de escrita e da capacidade de, através da literatura, que surge como um veículo de transmissão de pensamentos, expressar estes sentimentos em relação à migração.

No romance **O Xará**, Jhumpa Lahiri focaliza a vida de um jovem, filho de indianos bem tradicionais, nascido nos Estados Unidos, e que foi batizado com o nome de um escritor russo, Gogol. Decorrem no romance, vários transtornos sentimentais na vida do protagonista que está preso a um dilema: preservar a cultura e a memória deixada pela família como herança étnica ou adotar os padrões e princípios presentes na tradição e vida estadunidense?

Neste artigo, o romance **O Xará** será analisado, com atenção especial ao protagonista, a fim de explanar os processos de construção e desconstrução da identidade representados no texto de Lahiri.

1. A IDENTIDADE NA PÓS-MODERNIDADE

O século XX foi prolífero em relação a estudos relacionados à cultura e à identidade que deram origem a um novo campo do saber, denominado Estudos Culturais.

A partir desses estudos, um novo conceito de identidade surgiu e, segundo Stuart Hall, ele foi gerado por uma crise de identidade. (HALL, 2006, p.1). O processo de globalização tem diluído fronteiras entre as pessoas, entre os países; por essa e outras razões, muitas atenções foram voltadas para esse tipo de estudo. Através dos estudos de Hall (2006), pode-se constatar que as identidades nacionais estão sendo enfraquecidas, com isso novas identidades estão sendo construídas.

O sujeito moderno pode ser considerado como fragmentado, já que ele assume múltiplas identidades sociais de acordo com o espaço ou evento em que atua. Hall (2006) chama isso de política de identidade. Segundo Hall, as nações modernas são todas híbridas culturais e, hoje, nenhuma nação moderna está fechada a ponto de não ser influenciada por culturas internacionais. Desta forma, pode-se dizer que as identidades nacionais estão sendo representadas como unificadas.

Antes que se passe a uma reflexão sobre a identidade, é necessário que se compreenda o conceito de cultura. Segundo Dias (2011), a cultura é definida como:

Um conjunto de significados/significantes que através das tradições desvia-se para uma nova forma de situar-se, produzir-se, no sentido mais amplo, num processo de metamorfose em que novos conceitos, compreensões e caminhos nos permitem o surgimento de novos sujeitos. (DIAS, 2011, p.165).

Os estudos sobre a identidade coletaram dados suficientes a ponto de descobrir novas formas de identidade. A identidade cultural é definida através do pertencimento a uma cultura específica. Hall (2006) nos leva a pensar sobre o sujeito pós-moderno como um ser sem uma identidade fixa ou permanente.

2. PRESO NUM DILEMA: A FRONTEIRA ENTRE DUAS CULTURAS

O romance **O xará** (*The Namesake*), conta a história de uma família de bengaleses, que, longe de sua terra natal, pelega para conseguir um lugar nos Estados Unidos, onde possam adaptar-se, tendo uma melhor qualidade de vida, sem deixar de lado suas raízes.

A história se desenrola ao longo de 32 anos. Fazendo-se valer de um narrador heterodiegético, o romance bem esclarece o contraste existente entre as culturas indiana e americana. Sendo o protagonista descendente de indianos e tendo nascido nos EUA, vive um dilema quanto à própria identidade, pois se sente permanentemente na fronteira

entre duas culturas, experimentando sentimentos ambíguos em relação à sua herança cultural.

A sua sensação de inadequação é agravada pelo fato de que recebe dois nomes, um deles, que recebe quando ainda menino, é o nome de um escritor russo, Nicolai Gogol, e tem importância emblemática na história, pois ele o recebe porque seu pai saíra ileso de um acidente em virtude de estar lendo um romance do autor.

As leis americanas são bem claras a respeito do registro de crianças, que deve ser imediato ao nascimento. Os bengaleses, por sua vez, não têm o costume de dar nome às crianças imediatamente; às vezes podem demorar até cinco anos, o que constitui um problema, segundo as leis americanas. Outro fato importante é que além de não se importarem com um nome, eles criam apelidos, que sempre têm alguns significados subjetivos. Como a família não estava em Calcutá, mas na América, deveria seguir suas leis, adaptar-se às regras locais. Assim, enquanto o nome bengalês era decidido, registraram-no com o nome Gogol Ganguli.

O casal Ganguli, Ashoke e Ashima, com o decorrer do tempo, conhece vários outros indianos, pessoas com quem tem histórias para compartilhar, tanto sobre a terra natal quanto sobre a vida e a difícil adaptação ao país ocidental e aos costumes dos americanos:

À medida que o bebê cresce, cresce também seu círculo de conhecidos bengaleses. Por meio dos Nandi, que agora também esperam um filho, Ashoke e Ashima conhecem os Mitra, e por meio dos Mitra, os Banerjee. Mais de uma vez, ao empurrar Gogol em seu carrinho, Ashima foi abordada nas ruas de Cambridge por jovens bengaleses solteiros a perguntar timidamente de sua origem (LAHIRI, 2004, p.51).

Como tantos imigrantes, o casal de bengaleses, enquanto longe de sua terra natal, compensa a saudade de entes queridos com novos círculos de amizades: "Parece que todo fim de semana têm uma nova casa a visitar, um novo casal ou uma jovem família a conhecer. São todos de Calcutá e, por essa razão apenas, são amigos" (LAHIRI, 2004, p.51).

O fato é que as reuniões com outros bengaleses têm o objetivo de embeçar os sentimentos nostálgicos e dissipar a distância física, fazendo com que o afeto com os outros amigos indianos os levem para mais "perto" de sua Índia. De acordo com RUSHDIE (2010, p. 10), a saudade da terra natal, entrelaçada à vontade de preservar a memória étnica e à necessidade de permanecer num lugar, culturalmente diferente, faz com que o casal imagine, crie ficções: "ficções, não cidades ou vilas de verdade, mas invisíveis, pátrias imaginadas, Índias na imaginação"¹.

Segundo CARREIRA (2003, p.3), esse é um sentimento comum a todos os imigrantes indianos, pois a distância física de sua terra natal os faz construir uma pátria imaginária, ou melhor, uma Índia invisível, fruto de sua memória e da nostalgia de expatriado (p.3).

Com a ausência de familiares suprida, Gogol/Nikhil é recepcionado por uma cerimônia, que se diz ser a primeira cerimônia formal a ser celebrada no nascimento de um bebê bengalês. Como são bem tradicionais, seus pais visam, assim, manter viva a tradição indiana e conceder, como diz Hall (2006) uma herança perpétua ao filho:

¹ [...]create fictions, not actual cities or villages, but invisible ones, imaginary homelands, Indias of the mind. (Nossa tradução)

Em fevereiro, quando Gogol tem seis meses, Ashima e Ashoke já conhecem gente bastante para receber em grande escala. A ocasião: o *annaprasan*, a cerimônia do arroz. Não se faz batismo de bebês bengaleses, não se atribui ritualmente nenhum nome aos olhos de Deus. Em vez disso, a primeira cerimônia formal da vida de um bebê gira em torno do consumo de alimento sólido (LAHIRI, 2004, pp.51-52).

Passado o tempo, surge a necessidade de dar ao filho um bom nome. Para que Gogol pudesse ser matriculado na educação formal, os pais decidiram que seria Nikhil: O nome, Nikhil, é artisticamente ligado ao anterior. Não é só um bom nome bengalês e perfeitamente respeitável que significa "aquele que é inteiro, que tudo abrange" como guarda também uma agradável semelhança com Nicolai, o primeiro nome russo de Gogol (LAHIRI, 2004, p.71).

Atormentado por uma infância marcada por uma identidade definitivamente híbrida, além de um duplo batismo, Gogol sente carência de definição. Além das implicações da troca do nome, sente-se aflito por estar na fronteira entre culturas e costumes em regiões completamente antípodas: ele não se sente Nikhil (LAHIRI, 2004, p.126), porque, como nos faz refletir Hall (2006), ele sofre a instabilidade da referência identitária; como se, mediante a troca do nome, um sujeito fosse recolhido ao interior e exteriorizasse outro ser, completamente diferente.

O hibridismo identitário² de Gogol/Nikhil manifesta-se à medida que ele cresce. O fato de ele ser um cidadão estadunidense com raízes bengalesas o faz passar por um movimento dialético: ocupar um espaço que não é americano e nem indiano, mas sim um terceiro espaço, uma terceira esfera cultural, como diz BHABHA (1996), na entrevista com RUTHERFORD (1996). Enquanto cresce, Gogol/Nikhil cria laços de amizades com crianças americanas, as quais, em certos momentos, ele deseja parecer.

À medida que o protagonista cresce, a diferença entre as duas culturas se amplia e a família sente a necessidade de fazer uma festa tipicamente americana em uma festa de aniversário de Gogol, para que as crianças convidadas não estranhassem os costumes orientais:

Aniversário de catorze anos de Gogol. Como quase todos os acontecimentos de sua vida, é mais uma desculpa para os pais darem uma festa aos amigos bengaleses. Seus próprios amigos da escola são convidados na véspera, uma ocasião doméstica, com pizzas que o pai pegou na volta do trabalho, um jogo de beisebol assistido em grupo na televisão, um pouco de pingue-pongue na saleta. Pela primeira vez na vida, disse são ao bolo confeitado, à caixa de sorvete napolitano, aos cachorros-quentes, às bexigas e às bexigas e às faixas pregadas nas paredes (LAHIRI, 2004, p.89).

No entanto, há uma outra comemoração, tipicamente bengalesa, com os convidados dos seus pais:

A outra comemoração, a bengalesa, é feita no sábado mais próximo da verdadeira data de seu nascimento. Como sempre, a mãe fica cozinhando dias antes, enchendo a geladeira com pilhas de bandejas cobertas de folha de alumínio. Ela cuida de preparar as coisas preferidas dele: *curry* de carneiro com muita batata, *luchis*, *channa dal* bem grossa

² Termo utilizado por Homi Bhabha que designa o enlace de duas ou mais identidades. Nos Estados Unidos é muito comum referir-se aos imigrantes com adjetivos hifenados, como indo-americano, etc.

com passas escuras estufadas, *chutney* de abacaxi, *sandeshes* moldadas com ricota tingida com açafrão (LAHIRI, 2004, pp.89-90).

O fato de os pais de Gogol realizarem duas festas está ligado à necessidade de fazer com que seu filho perceba que a herança cultural deve ser mantida independente da necessidade de inserção em uma nova cultura. Bhabha (1994) explica estes fenômenos culturais da seguinte forma: "Os embates de fronteira acerca da diferença cultural têm tanta possibilidade de serem consensuais quanto conflituosos (...)" (BHABHA, 1994, p.21).

A transmissão da herança cultural e da tradição é decorrente do desejo de manter vivos, na segunda geração, os costumes ancestrais. Pollak (1989) diz que transmitir a memória é uma forma de manter o vínculo com a sociedade e, no caso, as minorias imigrantes, sempre fazendo referência ao passado. O protagonista, no entanto, sente-se no vértice de duas forças antagônicas.

A crise identitária amplia-se quando o casal conta a Gogol a razão da escolha do nome. Insatisfeito com o motivo, Gogol passa a detestar questões relativas a seu nome, detesta ter de estar sempre explicando. Detesta ter de dizer às pessoas que não significa nada em indiano (LAHIRI, 2004, p.93).

O fato de se apresentar com um nome que remete à sua infância e de oficialmente usar um nome que rejeita, leva o protagonista a refletir sobre quem gostaria de ser. Ao solicitar oficialmente a troca de nome para Nikhil, é inquirido sobre o motivo e responde: "Detesto o nome Gogol. Sempre detestei" (LAHIRI, 2004, 122). Para ele, a dificuldade maior em relação ao nome é a sua inadequação, pois não se coaduna com nenhuma das sociedades a que pertence: nem a americana, nem a indiana.

Há uma passagem no romance que traduz o conflito interior do protagonista. No campus em que Gogol estuda, durante um evento sobre literatura indiana escrita em língua inglesa, o palestrante é um primo distante da família. Gogol/Nikhil sente a necessidade de participar do evento, por mais que não tenha interesse em literatura ou qualquer coisa que remeta aos indianos, já que, nele, aos poucos, a identidade bengalesa começa a ser "diluída" (BHABHA, 1994). O palestrante usa um termo, "ABCD", que expressa diretamente o que Hall (2006) denomina "crise de identidade":

"Teologicamente falando, ABCDs não são capazes de responder à pergunta 'De onde você é?', declara o sociólogo da mesa. Gogol nunca ouviu o termo ABCD. Acaba entendendo que são as iniciais de 'American-born confused deshi' [confuso deshi nascido na América] (LAHIRI, 2004, p.140).

A identidade americana acaba por se tornar mais forte em Gogol/Nikhil. De certo modo, os indianos se referem à Índia de um modo único, saudosista e idealizado. Gogol/Nikhil não consegue se referir à Índia como os demais. Sente-se mais americano que nunca: "Ele sabe que *deshi*, palavra genérica para 'compatriota' significa 'indiano' e sabe que seus pais e todos os amigos deles sempre se referem à Índia apenas como *desh*. Ele pensa na Índia como pensam os americanos, como Índia" (LAHIRI, 2004, p.141).

Com o passar do tempo, Gogol percebe que a crise de identidade que o perseguiu na infância finalmente foi resolvida. Curiosamente, a adoção oficial do nome bengalês é o que lhe proporciona a estabilidade, apesar de, contraditoriamente, representar, de certo modo, a exclusão dos laços que o uniam à Índia.

Ao perceber-se americano, apesar de suas origens, ele nota que, ao contrário do restante da família, ele não necessita recriar um lugar antropológico: ele vive nos

Estados Unidos, ele é americano. A identidade vinculada ao seu antigo nome, Gogol, já deixara de existir.

O fato de se envolver amorosamente com uma mulher que também é de origem indiana e que, semelhantemente, não se sente bengalesa, é sintomático. Moushumi domina muito bem o francês e, tendo morado por um tempo na França, apresenta uma identidade com traços de diferentes culturas. Como bem nos faz pensar Ashcroft (2009), Moushumi é um típico caso de cosmopolitismo: ela é uma cidadã do mundo e sente-se bem com isto. O cosmopolitismo resulta do constante trânsito entre países e culturas e é considerado por Rushdie como a consequência última do processo tradutório decorrente dos intercâmbios culturais.

Muita coisa muda ao longo dos 32 anos decorridos no romance. Os Ganguli passam a comemorar o Natal, por insistência das crianças, e, ironicamente, essa passa a ser uma data adorada por Ashima, fato que não ocorre normalmente com imigrantes de primeira geração. No entanto, a solidão e a pressão fazem com que ela ceda aos costumes de sua nova terra.

O tempo pode ser uma possível resposta ao novo comportamento de Ashima. Sua nova identidade foi sendo formada aos poucos, como diz Hall (2006) em processos inconscientes (p.10).

Ao findar o romance, Gogol já está completamente afastado de sua família. A notícia da morte do pai lhe traz um sentimento de culpa por ter se distanciado da família quando era mais novo, por sentir-se envergonhado da cultura e dos costumes de seus pais. Só então Gogol descobre quem realmente deveria ter sido. Nesse momento ele se arrepende por ter deixado para trás a herança cultural e tenta recriar sua trajetória como indiano, lendo o livro que um dia salvara a vida de seu pai.

A dedicatória escrita por seu pai permite que Gogol se reconcilie consigo mesmo e com sua origem. Nela, seu pai lhe transmite uma herança que vai além do nome, que perpassa o milagre de estar vivo graças à existência de um livro: "Para Gogol Ganguli, o homem que lhe deu o nome dele, do homem que lhe deu o seu nome".

Segundo o que diz Pollak (1992) a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade (p.5). Na obra de Jhumpa Lahiri, o afeto familiar é o dispositivo que conecta gerações apesar de suas experiências distintas; ele é a chave que soluciona os conflitos identitários.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio da literatura, os escritores migrantes recriam parte de suas experiências pessoais. Jhumpa Lahiri constrói seu universo ficcional em torno de imigrantes e de seus descendentes de modo a demonstrar que o ato de migrar expõe o indivíduo a sentimentos contraditórios e à crise identitária.

Gogol Ganguli exemplifica, assim, todos os problemas que a crise de identidade cria: desconforto, dificuldade de adaptação, vergonha, arrependimento; sentimentos que eclodem como uma manifestação do sujeito que busca o sentido de si.

A busca do pertencimento passa pelo processo de identificação com uma cultura específica, que, no caso do imigrante e de seus descendentes, nem sempre é a cultura original. E como a própria autora tem afirmado em inúmeras entrevistas, muitas vezes, o que resta é a sensação de não pertencer a lugar nenhum, pois para ela o local de pertencimento é aquele que permite ao indivíduo ser o que é, seja qual for o seu local de nascimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASHCROFT, Bill. Beyond the Nation: Post-Colonial Hope. **The Journal of the European Association of Studies on Australia**, v.1, p.12-22, 2009.

BHABHA, Homi. **The location of culture**. New York: Routledge: 1994.

CARREIRA, S.S.G. A representação da identidade em *öHell-Heavenö*, de Jhumpa Lahiri. **Soletras** (UERJ), v.23. n.4, p.81-92, 2012.

_____. A representação do outro em tempos de pós-colonialismo. **Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades**, v.2, n.6, 2003.

DIAS, A.F. Dos estudos culturais ao novo conceito de identidade. **Revista Fórum identidades**, Itabaiana, v.9, n.5, p.151-166, 2011.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP & A, 1998.

LAHIRI, Jhumpa. **O xará**. Tradução de: José Rubens Siqueira- São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____. **Interpreter of maladies**. New York: Houghton Mifflin, 1999.

_____. **Unaccustomed earth**. New York: Vintage, 2008.

_____. My two lives. **Newsweek**. <http://www.thedailybeast.com/newsweek/2006/03/05/mytwo-lives.html> . Retrieved on 2013-05-04.

MINZESHEIMER, Bob. Interview: http://usatoday30.usatoday.com/life/books/news/2003-08-19-lahiri-books_x.htm. Retrieved on: 2013-05-03.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, v.2, n.3, p.3-15, 1989.

ROTHSTEIN, Mervyn. India's Post-Rushdie Generation; Young Writers Leave Magic Realism and Look at Reality. **The New York Times**: 2000. Accessible on: www.nytimes.com/2000/07/03/books/india-s-post-rushdie-generation-young-writers-leave-magicrealism-look-reality.html?pagewanted=3, Retrieved on 2013-05-04.

RUSHDIE, Salman. **Imaginary Homelands**. London: Vintage, 2010.

RUTHERFORD, Jonathan. O terceiro espaço: uma entrevista com Homi Bhabha, **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, v.1, n.24, p.35-41, 1996.

**THE (DE)CONSTRUCTION OF THE IDENTITY OF GOGOL/NIKHIL
IN "THE NAMESAKE", BY JHUMPA LAHIRI**

ABSTRACT:

This article aims to analyze the clash between antipodes cultures, suffered by the protagonist of the Novel "The Namesake", by Jhumpa Lahiri, the issue about cultural identity and the feeling of the immigrant of the second generation who is on the border between two cultures, experiencing ambivalent feelings about his cultural heritage. For this purpose, it will be used the apparatus inherent in Cultural Studies, as transculturation; identity, immigration and post-modernism.

Key-words: Transculturation; Identity; Immigration; Post-modernism.